

A necessidade de um PSOL que ousa lutar no Distrito Federal!

Os efeitos das mudanças climáticas, a precarização das relações de trabalho e o avanço do fascismo são sintomas de um processo que Marx e outros autores já descreveram. Um sistema que tem como base a acumulação infinita de lucros não pode se sustentar em um mundo com recursos que têm fim.

Vivemos a soma de múltiplas crises, onde as contradições do capitalismo se agudizam e quem sofre as consequências desse processo é o povo trabalhador. Apenas a luta por um novo modelo de sociedade, que rompa radicalmente com o modo de produção capitalista, pode evitar um grande desastre. Lutar pelo ecossocialismo não é utopia, é uma necessidade de sobrevivência.

Aqui no Brasil, a derrota de Bolsonaro nas urnas renovou as esperanças de um povo que sofreu com o avanço da barbárie pelos últimos 6 anos. De todo modo, sabemos que essa vitória eleitoral não é o suficiente. A extrema-direita ganhou espaço nas câmaras legislativas e no parlamento e atua em uma lógica de mobilização permanente de sua base social. Do nosso lado a mobilização também deve ser permanente.

Nos seus primeiros meses em 2023, o Governo Lula retomou patamares mínimos de relação institucional com setores populares e intelectuais progressistas renomados em algumas posições nos Ministérios. A esperança despertada com a eleição, a transição e as medidas iniciais convivem com a tática conciliatória do governo e as limitações impostas pelo grande capital e pelo Congresso Nacional, majoritariamente conservador.

Sem apostar na mobilização popular para contrabalançar a correlação de forças sociais e políticas desfavoráveis, a tendência principal é Lula e o PT reproduzirem a mesma tática de governabilidade já realizada em acordo com parte da direita conservadora, mas em condições piores do que no período anterior.

Mesmo com a vitória de Lula, quem segue dando as cartas do jogo é a burguesia, não os movimentos populares. Ainda assim, o atual cenário cria condições de mudar o viés da luta. Ao invés do movimento estar centrado em não perder direitos sociais, liberdades democráticas e soberania nacional (o centro era combater o neofascismo), agora também podemos pautar medidas progressivas, pensar na reconstrução do país e em um projeto de futuro.

Os eixos da tática para derrotar a extrema-direita e avançar na construção do poder popular devem girar em torno dos seguintes objetivos:

Melhorar as condições materiais de vida de nosso povo com políticas de transferência de renda abrangentes; aumento real do salário-mínimo; geração de emprego de qualidade e com direitos; políticas públicas em saúde, educação, cultura, esporte e lazer; ampliação das políticas afirmativas; construção de uma agenda contra as opressões de gênero, raça e sexualidade; segurança alimentar; habitação popular; reforma agrária agroecológica; e defesa dos biomas, dos territórios e condições de vida dos povos indígenas, quilombolas e outras comunidades tradicionais.

Fortalecer o processo de organização dos trabalhadores e trabalhadoras, da juventude, do povo explorado e oprimido em geral e da esquerda socialista para realizar um amplo trabalho de formação/organização popular nos territórios, locais de trabalho, escolas e universidades. É urgente retomar fóruns amplos e democráticos para articular lutas comuns dos sindicatos, entidades estudantis e demais organizações populares, superando a fragmentação e dispersão atual.

Manter a mobilização permanente para defender uma agenda de revogação das medidas legais e infralegais dos governos anteriores (um verdadeiro revogaço), bem como das privatizações totais ou parciais de setores estratégicos; opor-se às propostas do grande capital que visam retirar direitos, privatizar empresas públicas ou favorecer os monopólios privados; defender medidas populares e democráticas do governo contra os ataques do grande capital e da extrema-direita; lutar contra projetos de caráter regressivo no Congresso Nacional, mesmo que apoiados ou propostos pelo Governo.

O povo do Distrito Federal é fundamental nessa luta

Brasília foi palco da simbólica posse de Lula no dia 1º de janeiro. Centenas de milhares de pessoas, vindas de todo o país, encheram a Esplanada dos Ministérios de alegria e esperança. Exatamente uma semana depois, essa mesma Esplanada foi palco da tentativa de golpe de 8 de janeiro.

O governador Ibaneis se mostrou um perigo para a já tão limitada democracia brasileira. Nomeou como secretário de segurança pública Anderson Torres, homem de confiança de Bolsonaro. Existem duas possibilidades: ou o governador atuou de forma consciente para ajudar na tentativa de golpe do 8 de janeiro ou foi muito omissivo e confiou nos fascistas. Nos dois casos, ele é culpado pelo que aconteceu. A CPI do golpe na Câmara Legislativa do DF e todos os instrumentos institucionais de justiça devem apontar a culpa de Ibaneis pelo que aconteceu.

Mesmo antes de ser palco da tentativa de golpe da extrema-direita, o Distrito Federal já era um lugar de profundas contradições, muito além da cidade dos prédios planejados. É um território de aproximadamente 3 milhões de habitantes, integrado a uma região metropolitana de cerca de 4 milhões de habitantes. Essa população sofre com problemas graves, frutos do descaso do estado em várias áreas como saúde, educação e transporte. Também convive com a desigualdade social mais intensa em todo o país, que fica ainda mais evidente na forma como o território é distribuído e na profunda segregação socioespacial entre ricos e pobres.

De um lado a “ilha da fantasia” do Plano Piloto, com equipamentos urbanos, serviços públicos de qualidade, arborização intensa, acesso à cultura, água limpa e indicadores sociais comparados a países do centro do capitalismo. Do outro, as Regiões Administrativas mais distantes, onde a falta de acesso a serviços e equipamentos é a regra, falta emprego, falta acesso à moradia e sobra violência policial criminalizando a pobreza e reprimindo quem luta por mudanças

nas ocupações urbanas e rurais, ou quem se aventura pelo centro para realizar trabalho informal ambulante ou catar materiais recicláveis. Todas as estruturas do Estado jogam contra o povo trabalhador periférico no Distrito Federal, justamente as pessoas que fazem o trabalho essencial para o funcionamento da capital do país.

Nossa população tem um longo histórico de lutas, e isso se demonstrou mais uma vez no último período. A recente greve dos professores, a luta dos ambulantes da Rodoviária do Plano Piloto, a mobilização de famílias catadoras contra os despejos que alcançaram o mundo, as fortes mobilizações indígenas, a luta pela água e a mobilização dos entregadores de aplicativo são exemplos de que o povo do Distrito Federal tem disposição de se organizar e se mobilizar.

As contradições de nosso território se expressam também no campo eleitoral. Ibaneis foi reeleito governador ainda no primeiro turno e Damares Alves teve alta votação para o Senado. Por outro lado, o PSOL teve 2 dos 3 deputados mais bem votados para a CLDF, enquanto o outro é do PT. Isso mostra que existe uma disputa pela consciência do povo candango. E essa disputa se dá nas urnas e fora delas.

Ao invés de uma capital privatizada e elitizada, um Distrito Federal ecossocialista para o Bem Viver!

O projeto do governo Ibaneis é de privatizar cada vez mais a cidade. Mascarando como PPP (Parceria Público-Privada) para evitar o nome real de “privatização”, ele pretende entregar a Rodoviária do Plano Piloto, o Setor Comercial Sul e a Galeria dos Estados para um grupo de empresários lucrarem milhões por mês enquanto expulsa trabalhadores ambulantes, população em situação de rua, pequenos lojistas e povo trabalhador que ainda ocupa o centro da cidade. Tudo para seus amigos empresários e nada para o povo, que vai ter que lidar com o aumento da tarifa de ônibus, a elitização e aumento do custo de vida no centro, a cobrança de estacionamentos e a negação de acesso a um local projetado para ser público e de caráter popular. A Área Central não é a única, pois faz parte de um projeto abrangente de entrega da cidade para os megaempresários lucrarem às custas do povo trabalhador.

O plano privatista de Ibaneis e a alta burguesia do Distrito Federal pode dar um salto com a aprovação do novo Plano Diretor de Ordenamento Territorial (PDOT). Seguindo os passos de Arruda e Paulo Octávio, que pagaram propina para a aprovação da versão atual (e foram cassados e presos por isso), Ibaneis utiliza esse instrumento para avançar sobre os direitos da população e o Cerrado. É um governo implacável na violência contra moradores de ocupações, mas que sonha em colocar por cima dos destroços de famílias pobres o cimento, concreto e mármore de bairros ricos. Novas áreas para especulação imobiliária, destruição de nascentes, córregos e áreas de cerrado nativo (fundamentais para a preservação da biodiversidade e para a recarga hídrica) estão em disputa nesse momento e podem comprometer todas as futuras gerações. Uma vez que o Cerrado, além de ser pré-amazônico e a savana de maior biodiversidade no mundo, é a caixa d'água do Brasil e daqui saem nascentes que chegam até o

Uruguai, o impacto da destruição aqui pode ter proporções ecossistêmicas continentais.

O Brasil pode ser a maior potência socioambiental do mundo, e o Distrito Federal tem condições de liderar esse futuro. É fundamental construirmos na capital do país uma alternativa que mostre ser possível acabarmos com a exploração, todas as opressões e com a destruição da Natureza. Para isso, precisamos de um grande levante de massas que permita a construção de um novo sistema onde o povo mande e o governo obedeça, com democracia direta e compromisso real com o futuro da humanidade e de todo o restante da Natureza, da qual a gente é parte.

Por PSOL classista, democrático, ecossocialista e voltado para as lutas populares

O Congresso do PSOL é um espaço privilegiado para discutir os rumos da esquerda do Brasil. O campo socialista ainda tem um grande caminho pela frente para ter influência de massas em nosso país e o crescimento do partido a cada ano que passa também é reflexo dos anseios da população por uma alternativa à esquerda do projeto petista. Hoje o PSOL é o principal partido da esquerda anticapitalista com capacidade de pautar o debate político nacional. Aqui no DF, temos um enorme potencial e estamos nos consolidando cada vez mais como referência das lutas na região.

Nacionalmente o campo do “PSOL que ousa lutar” se propõe a defender a construção de um partido enraizado nas lutas populares, que tenha como prioridade contribuir para o fortalecimento, a mobilização e a organização dos movimentos sociais. Um partido que não tenha medo de defender o ecossocialismo e esteja ao lado da classe trabalhadora na luta contra a exploração, as opressões e a destruição da natureza.

Aqui no Distrito Federal, o Movimento Bem Viver através de sua corrente “Revolução Ecossocialista” e o recém-fundado Coletivo 14 de Março compõe este campo e defendem suas ideias em nível regional. Estamos abertos a militantes independentes e dispostos a se somar nessa luta conosco. Para nós, o PSOL deve ser um partido militante da esquerda radical, democrático internamente, com base popular enraizada nos territórios, com dinâmica interna viva e um horizonte estratégico ecossocialista.

Em defesa de um movimento sindical combativo, classista e que organize todos os segmentos da classe trabalhadores

O movimento sindical sempre foi um instrumento importante para os trabalhadores. E isso não vai mudar. A nossa classe mostra toda sua força quando para a produção, impondo aos capitalistas a conquista de direitos.

Nos últimos anos vários direitos foram retirados e muitos trabalham da mesma forma que no início do século passado, sem carga horária ou salário definido.

Isso é um retrocesso. E apenas a organização e mobilização dos trabalhadores podem mudar isso.

Os trabalhadores de aplicativo mostraram sua disposição de luta nos últimos meses, com os breques que fizeram durante a pandemia. É uma categoria carente de direitos e que luta pelo básico, que é negado pelas empresas que lucram bilhões de reais com a exploração de milhões de pessoas.

Apenas com a união do movimento sindical que já está consolidado e já tem tradição com as novas formas de organização de trabalhadores precarizados a nossa classe consegue ter potência para enfrentar os capitalistas. Bancários, professores, operários e trabalhadores de aplicativo devem se unir e mostrar solidariedade para além das lutas de cada categoria.

Um movimento sindical combativo, classista e antiburocrático é uma necessidade para a luta pelo ecossocialismo. E a militância do PSOL tem um papel importante nesse processo. O partido foi fundado a partir do movimento contra a reforma da previdência de 2003. Hoje ele se identifica com várias outras pautas e nos orgulhamos disso. Agora é hora de promover a solidariedade e o diálogo entre a tradição secular do movimento operário com as novas formas de luta.

Vem com o PSOL que ousa lutar construir um amanhã diferente!

Assinam essa tese:

1. Adalberto Chaves Caboclo
2. Ademar Lourenço Martins Rodrigues
3. Ailton Luiz Gonçalves Feitosa
4. Aleandra de Freitas
5. Amanda de Sousa Diegues Alvares
6. Ana Carolina Oliveira Eulálio
7. Ana Elisa de Nadal
8. Ananda de Melo Martins
9. André Pinheiro Francimat
10. Antônio Damasceno e Silva
11. Artur Lancini Brigido
12. Benedito Veloso da Costa (Barão)
13. Bianca Lemos de Souza
14. Brunno Victor Campos Ribeiro
15. Carina de Souza Paiva
16. Carlos Mauro Valente Antunes
17. Catarina David Mazoni Ribeiro
18. Clara Fernandes Rezende Nunes
19. Cícero Bitu da Silva
20. Danillo Martins Rodrigues
21. Dayane Moraes dos Santos
22. Edivan Almeida Silva
23. Eduardo Theodoro Ottoni Soares

24. Elem Simone Andrade dos Santos
25. Elizabete Morais da Silva
26. Esmerinda de Souza Leal
27. Estevão da Cunha Simões Costa
28. Flávia dos Santos Gomes
29. Flavio Lacerda Baptista
30. Francisca das Chagas Barros Santos
31. Francisca Gomes de Souza
32. Gabriela de Araújo Britto
33. Gabriela Martins Galvão
34. Giovana Maranhão Bettiol
35. Glaucione Souza Feitosa
36. Hamurabi Lawrence Alves de Oliveira Messeder
37. Iasmin Benon Lemos Serra e Silva
38. Irinalva Medeiros da Silva
39. Isabelle Avon Carolino Vanderlei
40. Isadora Cirino Portilho
41. Israel Linhares Franco
42. Ivania Souza Santos
43. Ivone Vidal Lisa
44. Jackson Campos Santos Pardim
45. João Pedro Sales Moura
46. Joaquim Maia Neto
47. Jorge de Freitas Antunes
48. José Bispo dos Santos
49. Josielma Amaral Nunes
50. Josué Ramos Moreira
51. Julia Maria de Oliveira Compan
52. Juliana de Sant´Anna Morais
53. Juliana Lopes Lima
54. Lais Soares Pesente
55. Lalesca Christine Medeiros de Sousa
56. Lara de Souza Feitosa
57. Larissa Sodr e Gomes
58. Leandro Alves Barros
59. Leandro Pereira dos Santos
60. Leticia de Amorim Mota Coelho
61. Letícia dos Santos Ferreira
62. Lianna Enelly Vieira Jorge
63. Lisiane Proença Severo
64. Luana de  vila e Silva Oliveira
65. Luara Benon Lemos Serra Silva
66. Lucas Reis Nobre de Miranda
67. Lucas Santos da Mota
68. Luciana Palhares Lima
69. Luciano Almada da Silva
70. Luciene Cerqueira
71. Luciene Maria Torres da Silva
72. Luisa Senra de Oliveira Barata
73. Marcelo Valente Antunes

74. Marco de Paula Diniz
75. Maria Carolina Cerqueira Figueiredo
76. Maria Ilaize Valente Antunes
77. Marianna de Mesquita Messeder
78. Maxuel dos Santos
79. Mychel Douglas Almeida Souza
80. Natália Trajano Silva
81. Natalícia Rute Nascimento Santana
82. Otamir Silva de Castro
83. Paula Milena do Nascimento Felix
84. Paulo de Damasco Silva
85. Rafaela Martins Galvão
86. Raissa Sangelly Santos da Silva
87. Ramiro Diegues Alvares Junior
88. Raquel Pedruzzi
89. Renata Pereira Taquari Antunes
90. Regina dos Santos Scala
91. Rhayana Ferreira Araújo
92. Rita de Cássia Silva Santos
93. Rodrigo Batista Baptista
94. Rodrigo Martins Gomes
95. Rosana de Cássia Alves da Silva
96. Sofia Costa Patrocínio
97. Stephanie Feitosa dos Santos Coimbra
98. Taluma Paz Dorneles
99. Teresa Regina de Ávila e Silva
100. Thiago de Ávila e Silva Oliveira
101. Wellington Luiz Siqueira Sousa
102. Whisnelly Sousa Sales